

Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais

Josué Araújo Aniceto

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NOS SINAIS DOS MESES DO ANO EM LIBRAS

Relatório Final, referente ao período de 09/2023 a 09/2024, apresentado à Universidade Federal de Ouro Preto, como parte das exigências do programa de iniciação científica EDITAL PIBIC/CNPq/UFOP Nº 05/2023.

Orientadora: Prof. Dra. Andreia Chagas Rocha Toffolo.

OURO PRETO - MINAS GERAIS - BRASIL
SETEMBRO/2024

VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NOS SINAIS DOS MESES DO ANOS EM LIBRAS

Josué Araújo Aniceto¹

RESUMO

Este estudo investigou as variações linguísticas em sinais utilizados por professores que ensinam Libras (Língua Brasileira de Sinais) em cursos de graduação. O objetivo principal foi identificar e analisar as variações nos sinais que representam os meses do ano, além de refletir sobre o fenômeno da variação linguística na Libras. A metodologia incluiu um estudo bibliográfico sobre variação linguística, seguido da coleta de dados sobre os diferentes sinais referentes aos meses do ano com a participação de 11 professores de Libras de quatro universidades em Minas Gerais. Os resultados revelaram dois tipos de variações: fonológicas e lexicais. As variações fonológicas foram observadas em 57,1% dos meses, enquanto variações lexicais ocorreram em 28,6%. Essas variações refletem influências regionais e diferenças etárias entre os participantes. Além disso, identificou-se um princípio de economia linguística na sinalização de alguns meses, particularmente em participantes mais velhos, sugerindo uma variação diacrônica. Por fim, 16,67% dos meses não apresentaram variação.

Palavras Chave: variação linguística; Libras; ensino; análise de sinais.

¹ Graduando em Letras Portugêses pela Universidade Federal de Ouro Preto – E-mail: josue.aniceto@aluno.ufop.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

Em todas as línguas existentes no mundo acontece um fenômeno chamado de variação linguística que se refere às diferenças observadas no uso de um mesmo idioma pelos seus usuários. Quando nos referimos a uma língua específica, temos a ilusão de uma uniformidade, homogeneidade, ou seja, que todos os falantes usam o idioma da mesma forma. Entretanto, não podemos descartar os diversos fatores que tornam a língua heterogênea, tendo uma multiplicidade de modos de falar, a depender dos mais variados contextos, pois a sociedade tem experiências históricas, sociais, culturais, e políticas diferentes, e tais experiências refletem no comportamento linguístico de seus usuários.

De acordo com Bagno (2013), é possível dizer que “o número de ‘línguas’ num país é o mesmo de habitantes em seu território”, pois as variações podem ser observadas de diversos aspectos: regiões em um mesmo país, estados, regiões diferentes em um mesmo estado, classes sociais, idade, níveis socioeconômicos, grau de escolaridade, profissão, acesso à tecnologia e textos escritos. “Nenhuma língua é falada do mesmo jeito em todos os lugares, assim como nem todas as pessoas falam a própria língua de modo idêntico” (Bagno, 2007, p.52). Por isso, a língua é considerada como um conjunto de variedades, excluindo as noções de homogeneidade e uniformidade.

Assim como as línguas orais, as línguas de sinais também sofrem o fenômeno da variação linguística e, ambas passaram por mudanças ao longo dos anos, pois enquanto seres humanos, estamos em constante mudança, e junto a nós, muda também a língua, aumentando as variações. Assim, segundo Bagno (2007, p.9), “tratar da língua (...) também é tratar dos seres humanos”.

No Brasil, a língua utilizada pelos surdos é a língua brasileira de sinais - Libras, reconhecida pela Lei 10.436 no ano de 2002. É uma língua que possui um sistema linguístico legítimo, com regras, estruturas e pragmática definida, proporcionando de modo eficiente a comunicação. Apesar de ser utilizada pela comunidade surda há muito tempo, nem sempre seu uso foi aceito. Diversas intercorrências aconteceram no passado. Os surdos eram proibidos de sinalizar e forçados a oralizar, tendo que se adaptar à comunidade ouvinte. Com isso, houve um grande prejuízo tanto para seus usuários, quanto para a língua, que sofreu com atraso em sua disseminação, tendo apenas vinte anos de reconhecimento por lei, como língua de modalidade gestual-visual no Brasil.

Para promover a comunicação, a Libras vem sendo utilizada não somente pelas pessoas surdas, mas também por familiares, estudiosos, e aqueles que em geral usam a

língua como forma de trabalho. Com aumento no número de pessoas que, em diferentes contextos de comunicação fazem uso da língua, é possível afirmar que também cresce o número de variações, entretanto:

O número de pesquisas que investigam o fenômeno da variação linguística na Libras é escasso (CAMPELLO, 2011; SILVA; XAVIER; BARBOSA, 2014; MACHADO; WEININGER, 2018; SILVA; GONÇALVES, 2020), justificado pelo reconhecimento social e uso recente da Libras. “O reconhecimento do *status* linguístico da Libras ocasionou a disseminação dessa língua nos mais variados contextos, ampliando também a quantidade de sinais utilizados e gerando uma maior variação na realização desses sinais” (MACHADO; WEININGER, 2018, p. 45.)

No ensino de Libras é abordada a existência de diferentes sinais para se referir a um conceito, a depender da região do falante, idade, ambiente de fala, dentre outros fatores. Ainda assim, é comum o questionamento dos alunos aos professores sobre possibilidades de diferentes sinalizações para um único termo da língua portuguesa. Na Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP, há um curso de extensão intitulado Libras na UFOP, que conta atualmente com três módulos: 1, 2 e 3; nesses cursos, frequentemente acontecem abordagens dos alunos sobre a diferença de sinais aprendidos em outro momento com outros professores da própria instituição. Parte desses alunos já cursaram disciplinas de introdução à Libras, ou fizeram curso básico em diferentes locais e/ou têm contato com pessoas que sinalizam de formas distintas. Na UFOP, por exemplo, todo ano são recebidos docentes e discentes de diversas regiões do estado, e até mesmo do país. Em específico, os professores de Libras da universidade, que estão lotados no Departamento de Letras-DELET, localizado no Instituto de Ciências Humanas e Sociais-ICHS, campus de Mariana. Em relação ao uso da língua de sinais por estes professores, ressaltamos a importância de observar alguns fatores como: idade, ambiente em que vive o falante², se cada um desses professores têm contato com pessoas surdas e de qual região do país ou do estado eles vieram.

Assim, é fundamental explicitar para os estudantes, que toda língua varia tanto quanto a sociedade varia, e que, existem diferentes formas de dizer a mesma coisa, pois trata-se de variações que o idioma oferece a seus falantes, influenciadas por diferentes fatores. Segundo Bagno:

A variação linguística tem que ser objeto e objetivo do ensino de língua: uma educação linguística voltada para a construção da cidadania numa sociedade

² O termo “falante” também é utilizado para os usuários da Língua de sinais.

verdadeiramente democrática não pode desconsiderar que os modos de falar dos diferentes grupos sociais constituem elementos fundamentais da identidade cultural da comunidade e dos indivíduos particulares, e que denegrir ou condenar os seres humanos que a falam, como se fossem incapazes, deficientes ou menos inteligentes [...] é preciso mostrar, em sala de aula e fora dela, que a língua varia tanto quanto a sociedade varia, que existem muitas maneiras de dizer a mesma coisa e que todas correspondem a usos diferenciados e eficazes dos recursos que o idioma oferece a seus falantes. (BAGNO, 2009, p.16)

Considerando a relevância de estudos sobre variação linguística na Libras, este trabalho objetiva investigar as variações linguísticas nos sinais dos meses do ano em Libras produzidos por professores(as) de graduação e de cursos de extensão de quatro universidades em Minas Gerais: 1) UFV - Universidade Federal de Viçosa; 2) UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora; 3) Universidade Federal de Minas Gerais; 4) UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto, a fim de contribuir com estudos na área e gerar reflexões sobre o fenômeno da variação linguística, com registros de variações na língua de sinais.

A seguir, falamos sobre o fenômeno da variação linguística nas línguas orais e nas línguas de sinais. Posteriormente, descrevemos os objetivos deste estudo e a metodologia de trabalho. Por fim, apresentamos os resultados, a análise dos dados e as considerações finais.

2. O FENÔMENO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

A variação linguística é um fenômeno comum em todas as línguas naturais, e ocorre diante das diferenças socioculturais durante a produção da fala por parte do indivíduo. Independente da produção ser oral ou gestual-visual, ambas vêm carregadas de influências da comunidade que está inserido o falante.

A identificação e descrição deste fenômeno é importante para reforçar o fato de que em qualquer língua, independentemente de sua modalidade, oral ou visual, existem variações que ocorrem naturalmente, a partir do momento em que seus usuários entram em contato com outras formas de sinalização e fazem com que o repertório de sinais fique mais diversificado (Machado; Weininger, 2018).

Em se tratando do português falado no Brasil, tem-se a sensação de que a norma culta, escrita, literária, é a mesma usada na fala, e que essa é comum entre os milhões de brasileiros. Contudo, isso não acontece na prática, devido a uma variedade de fatores,

como a região em que vive o falante, idade, local de fala, dentre outros. Tais variações são explicadas pela sociolinguística, uma subárea da linguística, que estuda os diferentes usos da língua e da linguagem humana. Dentre os tipos de variações que ocorrem em nossa língua, podemos destacar quatro delas, sendo: 1) Variação Diatópica; 2) Variação diacrônica; 3) Variação Diastrática; 4) Variação Diafásica.

Na variação diatópica, conhecida como variação regional, as diferenças são perceptíveis a partir do léxico do falante de um estado para outro. Desse modo, é muito comum que usuários da mesma língua deem nomes distintos para um mesmo item, como por exemplo no caso da raiz Mandioca, que também pode ser conhecida como Aipim e Macaxeira. Além disso, vale ressaltar que dentro da variação regional acontece um fenômeno fonológico que consiste nas diferentes pronúncias para um mesmo item lexical. Para melhor compreensão pode-se usar como exemplo a diferença na reprodução da letra “R” por falantes de São Paulo, para Minas Gerais.

Afunilando os estudos, encontramos a geolinguística, que tem como foco a variação diatópica. Nesse estudo é muito comum o uso do termo “isoglossas” que é utilizado para fazer referência às áreas de um mapa linguístico que estão próximas da divisa de um estado para outro. Pessoas que vivem nas chamadas isoglossas tendem a falar do mesmo modo que as outras do estado vizinho, ou seja, isoglossa é a fronteira geográfica de característica linguística. Assim, o sotaque de um mineiro que está na isoglossa pode ser semelhante ao de um paulistano, e vice-versa. O mesmo vale para o uso dos nomes dados a algum item.

Outro fenômeno muito comum pode ser percebido pela evolução da língua. Esse é nomeado como variação diacrônica. Com o passar dos anos algumas expressões deixam de existir, dando lugar para novas expressões, ou se modificam. O pronome “você”, nem sempre foi assim. Antigamente o termo era vossa mercê, que evoluiu para vossemecê; vosmecê, chegando por fim, na palavra que usamos atualmente. Portanto, é muito comum a diferença na fala de idosos para os jovens, pois atualmente percebe-se um grande número de novos termos desconhecidos pela geração passada.

Outro tipo de variação, conhecida como diastrática, geralmente é observada na diferença dos falares entre grupos sociais distintos, e geralmente vem carregada de preconceitos. Há uma falsa sensação de que pessoas escolarizadas fazem uso “correto” do português, enquanto os menos escolarizados geralmente falam “errado”.

Se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que eles domina a norma culta. Só que a verdade está muito longe disso- Por outro lado, um grande fazendeiro que tenha apenas alguns poucos anos de estudo primário, mas que seja dono de milhares de cabeças de gado, de indústrias agrícolas e detentor de grande influência política em sua região vai poder falar à vontade sua língua de “caipira”, com todas as formas sintáticas consideradas “erradas” pela gramática. (Bagno, 2007, p.69)

Por fim, a variação diafásica trata do contexto de fala em que o indivíduo está inserido, ou seja, tem relação com a necessidade ou não de formalidade, podendo ser notada na fala e na escrita. Um bom exemplo desse fenômeno é a diferença entre a escrita de um e-mail para uma conversa no whatsapp. Há também as diferenças na oralidade de um profissional em seu local de trabalho para o ambiente familiar e com amigos. Esse indivíduo geralmente não conversa em uma mesa de um bar do mesmo modo que conversa em seu local de trabalho.

3. VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA LIBRAS

As variações linguísticas na Libras acontecem de forma natural, assim como nas demais línguas, e podem ser classificadas como variação lexical, fonética e fonológica, conforme observado em Fischer e Xavier (2024, p.3):

A diferenciação entre variações lexical e fonético-fonológica, por exemplo, pode ser entendida como uma variação relacionada à magnitude da unidade linguística variante. Enquanto na variação lexical as variantes correspondem ao uso de diferentes palavras/sinais com o mesmo significado, na variação fonético-fonológica as variantes são sublexicais, ou seja, correspondem a diferentes realizações, no caso das línguas faladas, de vogais, consoantes, e, no caso das línguas sinalizadas, da configuração de mão, da orientação da palma, etc.

A variação linguística é influenciada por aspectos como a região do falante, o meio social, o contexto de fala em diferentes idades, dentre outros, podendo ser identificadas pelo uso de diferentes sinais para representar um mesmo signo linguístico, que também é comum nas línguas de sinais. Sendo assim, do mesmo modo que temos na língua portuguesa palavras diferentes para representar o mesmo objeto ou ação, na Libras

também há essa possibilidade. Essa diferença lexical é notada entre falantes de estados diferentes, o que pode ser observado nos exemplos a seguir.

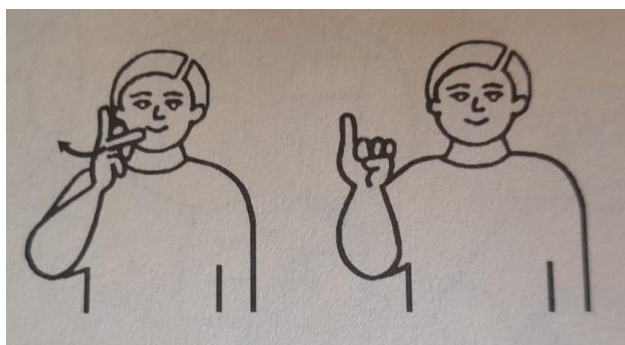
Temos em Minas Gerais o sinal de “pai”, que é composto, e realizado com a marcação do masculino seguido de um beijo no dorso da mão configurada em “A”, simulando o ato de pedir benção aos familiares mais velhos, como exemplificado na Figura 1. Já em São Paulo, a mesma palavra é representada pela soletração rítmica³ “P-A-I”, com a letra “P” do alfabeto manual saindo da boca, e finalizando com a letra “i” (Figura 2).

Figura 2: Imagem referente ao sinal geralmente usado em Minas Gerais para representar a palavra “Pai”



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p. 1.869)

Figura 2: Imagem referente ao sinal geralmente usado em São Paulo para representar a palavra “Pai”



Fonte: Capovilla; Raphael (2001, p. 1869)

As diferenças observadas nas imagens acima, são exemplos de variação lexical, em que os sinais representados se diferem completamente um do outro tanto na configuração de mão quanto no movimento, ou seja, são sinais diferentes e não variantes de um mesmo sinal. Tais mudanças nas línguas de sinais foram objetos de estudo de Silva

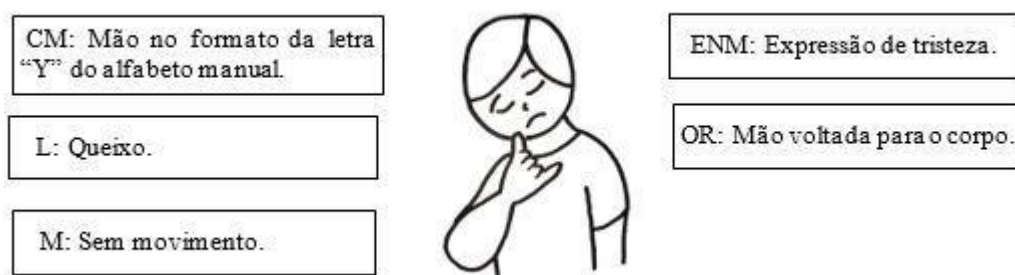
³ Na soletração rítmica ocorre a soletração manual com um ritmo específico ao movimento das mãos e dos dedos.

e Gonçalves (2020), Xavier e Barbosa (2014), Machado e Weininger (2018), e Silva (2023), que analisaram o fenômeno da variação linguística no uso dos sinais da Libras em diferentes contextos. As pesquisas confirmam as variações existentes nas línguas de sinais, tal como nas línguas orais, e que elas acontecem devido à evolução da língua; contextos sociais; e em níveis fonéticos e fonológicos, estudo que observa as diferentes pronúncias para um mesmo sinal.

Os parâmetros articulatórios são base para os estudos da fonologia, que analisa e classifica a articulação dos órgãos que constituem o aparelho fonador: lábios, língua, dentes, céu da boca, entre outros, para as línguas orais; e das mãos, braço, rosto e corpo, para as línguas de sinais. Ou seja, para cada som, os órgãos do aparelho fonador se articula de uma forma diferente, e, nas línguas de sinais, cada sinal tem a sua articulação diferente com base em como as mãos estão configuradas, o lugar em que elas estão sendo articuladas, seu movimento, orientação das palmas, etc.

Os estudos na Libras, apontam a existência de cinco componentes dos sinais, os chamados parâmetros das LS, que representam sua estrutura fonológica, sendo eles: a configuração de mão (CM), o ponto de articulação (PA) ou locação (L), o movimento (M), a orientação (Or) e as expressões não-manuais (ENM) conforme descrito em Quadros *et al.* (2023). A seguir, na Figuras 3, apresentamos o sinal de “tristeza/triste”, com a descrição de seus parâmetros.

Figura 3: Sinal de “triste/tristeza” em Libras com a indicação dos cinco parâmetros.



Fonte: Rocha-Toffolo (2022)

Basicamente, em um sinal, a configuração de mão (CM) é observada pelo formato em que as mãos estão no momento da produção dos sinais, e muitas vezes, essas configurações manuais se baseiam no alfabeto manual e nos números, e podem ser feitas com uma mão ou duas, podendo permanecer a mesma na realização do sinal ou não. Em

relação a locação (L), trata-se do local em que o sinal é realizado, podendo ser em alguma parte do nosso corpo ou fora dele, denominado espaço neutro. O parâmetro de orientação (Or) está ligado à direção da palma da mão quando produzimos um sinal, podendo ela estar para baixo, para cima, para dentro/direcionado para o corpo, para fora, ou para ambos os lados. Já o parâmetro de movimento (M) refere-se ao tipo de movimento que é realizado durante a execução do sinal. Por fim, as expressões não manuais (ENM), podem ser usadas para marcar aspectos gramaticais, como perguntas, negações, afirmações e ênfases, e ajudam a contextualizar a mensagem, transmitindo emoções, atitudes e intenções, por meio da expressão facial.

Nas línguas orais, detectamos diferenças nos falares pelo som, ou seja, em uma vogal aberta ou fechada, ou uma consoante pronunciada de modos distintos, como o /r/ caipira. Na Libras, também é possível perceber a presença da variação fonético-fonológica, que são notadas a partir de pequenas diferenças dentro de um parâmetro na reprodução de um sinal. As variações fonéticas e fonológicas são analisadas a partir dos parâmetros das línguas de sinais com base nas mãos, diferente das línguas orais em que a análise é feita a partir do aparelho fonador. Durante a sinalização, um dos parâmetros pode ser executado de modo distinto entre os falantes, e essa distinção pode ser avaliada a partir de decomposições menores de um sinal. Stokoe (1960) *apud* Xavier (2014) apresenta padrões de variações linguísticas em relação a configuração de mão em função da extensão do polegar; da quantidade de dedos; flexão ou não das articulação; da aproximação ou afastamento dos dedos; da mudança ou não da configuração, entre outros, conforme ilustrado nas Figuras 4, 5 e 6.

Figura 4: Imagem referente ao sinal de “Farmácia”, com tipo de variação fonética apresentando extensão do polegar.



Fonte: Quadros *et al.* (org) (2013)

Figura 5: Imagem referente ao sinal de “Ajudar”, com variação fonética relacionada ao afastamento dos dedos.



Fonte: Quadros *et al.* (org) (2013)

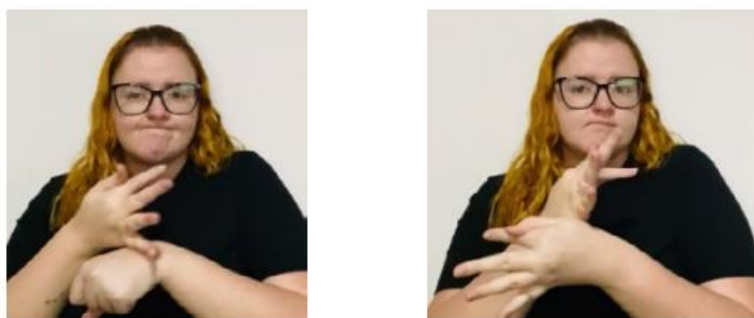
Figura 6: Imagem referente ao sinal de Alto, com variação fonética apresentando flexão das articulações.



Fonte: Quadros *et al.* (org) (2013)

Além dos fatores mencionados, os autores identificaram microvariações relacionadas ao padrão da configuração de mão, que pode ter relação com: 1) o tipo de configuração, nativa ou inicializada (que tem relação com o alfabeto manual); 2) a extensão ou não do dedo mínimo; 3) com a igualdade ou não da mão passiva com a dominante; 3) com assimilação ou não da configuração da mão ativa pela mão passiva; ou 4) por apresentarem diferentes configurações na mão passiva. Na Figura 7 há um exemplo do sinal “aguentar” com configurações das mãos passivas distintas, sendo uma em “S” e a outra em “F”.

Figura 7: Imagem referente à variação do sinal de aguentar, com diferentes configurações na mão passiva



Fonte: Quadros *et al.* (org) (2013)

Por fim, foram analisados casos de microvariações relacionados à localização, orientação, ao movimento, à quantidade de repetições no movimento, às expressões não manuais, e em relação à quantidade de mãos usadas durante a reprodução dos sinais (Exemplos nas Figuras 8, 9 e 10).

Figura 8: Imagem referente à variação de orientação da mão para a letra “A” do alfabeto manual



Fonte: Quadros *et al.* (org) (2013)

Figura 9: Imagem referente à variação na repetição do sinal de “Estados Unidos”



Fonte: Quadros *et al.* (org) (2013)

Figura 10: Imagem referente à variação (quantidade de mãos) para o sinal de “querer”



Fonte: Quadros *et al.* (org) (2013)

Em suma, nota-se pelos exemplos citados, que as microvariações estão relacionadas com a fonética e fonologia, áreas que tratam das diferentes realizações de um mesmo item lexical. É explicitado nas imagens que os pequenos detalhes que se diferenciam não alteram o significado do sinal, do mesmo modo que em uma língua oral, quando não há mudança no significado, geralmente chamamos essas diferenças mínimas na pronúncia, de sotaque.

Existem também que possuem o mesmo significado mas que não compartilham nenhum parâmetro, conforme ilustrado nas figuras 11 e 12. Essa é a variação regional, conhecida como lexical, e geralmente é mais comum e fácil de ser identificada.

Figura 11: Imagem referente ao sinal de sexta feira 1



Figura 12: Imagem referente ao sinal de sexta feira 2



Fonte: Quadros *et al.* (org) (2013)

Percebe-se que ambos os sinais apresentados nas figuras 11 e 12 são usados para representar a palavra “sexta-feira”, contudo o primeiro sinal (Figura 17) é usado em diversas regiões como: Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, entre outros. Enquanto o segundo sinal (Figura 18) é utilizado por falantes de São Paulo.

Estudos sobre a variação linguística na Libras são importantes para compreensão da língua e por refletir a riqueza cultural da comunidade surda no Brasil. Assim, esperamos trazer contribuições para a área por meio de uma análise de sinais dos termos referentes aos meses do ano usados por professores de Libras de quatro universidades no estado de Minas Gerais.

4. METODOLOGIA

Esta pesquisa teve início com um estudo bibliográfico sobre o fenômeno da variação linguística que acontece em qualquer língua, seja ela oral, ou espaço-visual. Em seguida, afinamos o levantamento bibliográfico, mantendo como foco pesquisas que pudessem contribuir com informações sobre as variações linguísticas na Libras, para que este estudo portasse um embasamento teórico sólido.

Após a leitura de materiais sobre as variações linguísticas, foi desenvolvido um roteiro de entrevista com foco em explorar fatores que pudessem influenciar no modo de sinalizar de cada entrevistado, como: 1) idade da participante; 2) tempo de contato com a Libras; 3) de que forma se deu o aprendizado da língua; 4) se possuem contato com surdos sinalizadores; 4) formação, e, 5) tempo em que lecionam a disciplina de Libras. A entrevista, disponível no anexo I, seguiu um formato semiestruturado, com roteiro prévio, mas com exceções que deram ao pesquisador liberdade para fazer perguntas que julgasse importantes.

Para o roteiro, foram criadas doze frases contendo em cada uma delas os meses do ano, que foram apresentadas aos participantes para que esses fizessem uma interpretação simultânea, a fim de captar os sinais referentes aos meses (Anexo II). Além disso, foi criada uma apresentação em powerpoint contendo as frases, para que os participantes surdos pudessem lê-las e traduzi-las, ao passo que para os participantes ouvintes, as frases foram lidas oralmente.

Posteriormente, foi selecionado para o experimento 11 professores que trabalham com ensino de Libras em quatro universidades de Minas Gerais. Os participantes foram contatados para apresentação do projeto; assinatura do termo de consentimento, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa, CAEE: 70783623.6.0000.5150 (anexo III); e, para agendamento da coleta de dados necessários para execução desta pesquisa.

Após o aceite e assinatura de cada participante do termo de consentimento, iniciamos a coleta de dados. Foi enviado um formulário do Google com as perguntas que

buscavam informações que pudessem influenciar na sinalização de cada participante e, em seguida, foram agendadas reuniões individuais via Google Meet para realização das entrevistas e coleta das informações referentes aos sinais dos meses do ano em língua de sinais.

As reuniões aconteceram de forma individual, e teve início com uma retomada das informações coletadas via Google Forms, passando em seguida para a leitura em português das doze frases contendo os meses do ano, para que os participantes interpretassem cada uma delas. O entrevistador ao iniciar as entrevistas, com o consentimento do participante, usou a ferramenta de gravação de tela de seu dispositivo, para que no decorrer da análise pudesse assistir à sinalização de cada entrevistado, a fim observar os parâmetros da língua de sinais.

Após concluir todas as reuniões com os participantes, o entrevistador observou e fotografou cada uma das variações dos sinais dos meses do ano que foram encontradas nas entrevistas. Além disso, foram analisadas as informações coletadas no questionário enviado aos participantes e as perguntas feitas durante as entrevistas, a fim de levantar informações que pudessem justificar ou motivar o uso de determinados sinais pelos professores, na tradução de cada frase. A análise dos dados foi feita tomando como base os parâmetros da Libras e suas microvariações propostos por Xavier (2014), os quais foram abordados neste estudo.

5. RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

5.1 Entrevista

Nesta pesquisa, participaram 11 professores, sendo quatro homens e sete mulheres, com idades entre 20 e 56 anos. Dentre os participantes, foram entrevistados um professor surdo e uma professora CODA, cuja sigla em português significa, filhos ouvintes de pais surdos. Ambos possuem uma longa convivência na comunidade surda e fazem uso da Libras desde a infância. Os outros participantes possuem um tempo variado de contato com a Língua de Sinais, sendo que três participantes possuem de 1 a 4 anos de contato; três participantes, entre 5 e 10 anos; e cinco, acima de 20 anos, conforme descrito na Tabela 1.

Quadro 1: Tabela com informações sobre os participantes

Participante	Sexo	Idade	Tempo de contato com a LIBRAS	Formação do participante	Sigla da Universidade do participante	Observação
Participante A	M	20	Entre 1 e 4 anos	Graduando	UFOP	-
Participante B	M	21	Entre 1 e 4 anos	Graduando	UFOP	-
Participante C	F	22	Entre 1 e 4 anos	Graduando	UFOP	-
Participante D	F	23	Entre 5 e 10 anos	Graduando	UFOP	-
Participante E	F	26	Entre 5 e 10 anos	Mestre	UFOP	-
Participante F	M	28	Entre 5 e 10 anos	Mestre	UFJF	-
Participante G	F	33	Acima de 20 anos	Doutor(a)	UFV	-
Participante H	F	40	Acima de 20 anos	Doutor(a)	UFJF	-
Participante I	H	43	Acima de 20 anos	Doutor(a)	UFMG	Surdo
Participante J	F	44	Acima de 20 anos	Doutor(a)	UFOP	-
Participante K	F	56	Acima de 20 anos	Doutor(a)	UFOP	CODA

Fonte: Produzido pelo autor

Com base nos perfis dos participantes, é possível que as variantes de sinalização em Libras tenham sido influenciadas pelas diferentes experiências e históricos de contato com a língua. A professora filha de pais surdos e o professor surdo, por usarem a Libras há mais tempo, podem apresentar uma sinalização mais natural, reflexo do contato com outros surdos ao longo dos anos. Por outro lado, participantes que tiveram contato mais recente com a Libras, como alguns graduandos, poderiam apresentar sinalização influenciada pelos professores da instituição em que estudam. Além disso, as diferentes regiões em que vivem os participantes poderiam contribuir para variações linguísticas regionais (diatópica). Dos 11 participantes, sete professores são da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), dois da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), um da Universidade Federal de Viçosa (UFV) e um da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Essa distribuição geográfica pode ter influência na sinalização dos participantes, tendo em vista que diferentes regiões podem apresentar variações na forma como a língua é utilizada e ensinada. Entretanto, para confirmarmos a influência de uma variação regional, seria necessário trabalhar com uma amostragem maior que representasse os diferentes locais.

Além das diferenças no tempo de aprendizado e contato com a Libras, percebe-se pelo Quadro 1 uma diversidade de experiências relacionadas à formação acadêmica dos participantes. Quatro dos entrevistados estão na graduação, cursaram disciplinas de introdução à Libras e Libras intermediário, possuem experiência como monitores dessas disciplinas, e, atualmente atuam como professores bolsistas vinculados a um curso de extensão de Libras. De outro lado, observa-se que sete professores, variando entre efetivos e contratados, que possuem títulos de mestrado ou doutorado, especificamente na área de Libras, e atuam no ensino da língua entre 8 e 25 anos.

As informações sobre os falantes de uma língua são fundamentais para compreendermos os possíveis fatores que influenciam na sinalização, como: idade, tempo de exposição à língua, contextos sociais e regionais, além da formação acadêmica e pessoal. Esses fatores contribuem para a diversidade linguística e influenciam a maneira como a língua é utilizada e compreendida. Na Libras, por exemplo, entender como acontecem essas variações e os motivos, é essencial para aprofundar o estudo da variação linguística e promover práticas de ensino mais inclusivas e representativas das diferentes realidades vivenciadas pelos falantes.

5.2 Análise de variações

A coleta de dados ocorreu de forma individual em reunião pré-agendada com cada participante. Ao apresentar as frases para interpretação simultânea, ainda que alguns participantes apresentaram outras variações de sinais que conheciam, foi considerado apenas o primeiro sinal referente ao mês que estava contido nas frases, pois há grande possibilidade que esse seja o sinal mais utilizado pelo entrevistado em suas conversações. A seguir apresentamos os resultados das análises de cada mês do ano.

JANEIRO

Este mês apresentou uma microvariação onde a diferença observada está relacionada com a fonologia. Conforme observado nas imagens abaixo (Figuras 13 e 14), todos os parâmetros são o mesmo. A única diferença a ser observada é a repetição no movimento apenas repetições na letra inicial da palavra, enquanto outros sinalizaram sem repetições.

Figura 13: Janeiro reproduzido com a letra “I” reproduzido no espaço neutro, com um movimento de rotação do pulso para esquerda sem repetições, formando a letra “J” do alfabeto manual.



Fonte: Produzido pelo autor

Figura 14: Sinal de janeiro reproduzido com a letra “I” no espaço neutro, orientação para o lado, com repetição no movimento de rotação do pulso para esquerda.



Fonte: Produzido pelo autor

FEVEREIRO

As variantes de fevereiro se dividem em dois tipos: sinais inicializados, letra inicial da palavra em Língua Portuguesa e sinais motivados culturalmente influenciados de alguma forma pela representação do carnaval que tipicamente acontece neste mês. Conforme exemplificado nas imagens abaixo, os sinais não compartilham nenhum parâmetro, portanto trata-se de variação lexical, que geralmente são observadas a partir

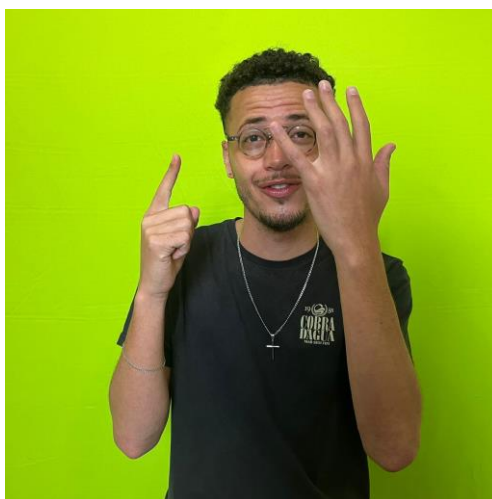
de diferentes regiões. Além disso, para fevereiro 1 apareceu uma microvariação relacionada à quantidade de mãos, ou seja, que tem relação com a fonologia.

Figura 15: Sinal de fevereiro reproduzido com a configuração manual em Letra “F” reproduzido no espaço neutro, com repetição no movimento de rotação do pulso para esquerda.



Fonte: Produzido pelo autor

Figura 16: Sinal de fevereiro (Sinal bimanual com uma mão configurada em número “1” e outra aberta, ambas com movimento equilibrado e repetido de rotação dos pulsos, direcionado para dentro.)



Fonte: Produzido pelo autor

MARÇO

Basicamente usam-se letras da palavra março para diferenciar o mês da inicial M do mês de maio. Uma das opções é soletrar M-A-R-Ç-O, a mais usada no país, e outra opção é usar as letras M-Ç, ou M-Ç-O, que está associado à economia linguística, termo utilizado para o ato de economizar esforços na hora da comunicação. Na datilologia isto acontece na omissão de letras redundantes e menos importantes em palavras facilmente reconhecíveis (Quadros; Karnopp, 2004).

Há também a variante que parece ter relação também à terapia de fala que usava esta referência visual tocando o queixo para a produção da palavra em língua portuguesa, em função do som vibrante da letra M na reprodução oral.

Este é o mês que apresentou mais tipos de variação, sendo elas do tipo lexical e fonológica. Na figura 17 e 18, o sinal é o mesmo com microvariação de presença ou ausência no movimento de tamborilar dos dedos.

Figura 17: Sinal de março feito com a Letra “M” reproduzida com contato duplo no queixo.



Fonte: Produzido pelo autor

Figura 18: Sinal de março feito com a Letra “M” reproduzido com contato duplo no queixo e movimento de tamborilar dos dedos.



Fonte: Produzido pelo autor

Figura 19: Sinal de março feito em datilologia



Fonte: Produzido pelo autor

Figura 20: Sinal de março feito em datilologia



Fonte: Produzido pelo autor

Figura 21: Sinal de março feito em datilologia



Fonte: Produzido pelo autor

ABRIL

Em todas as variantes do mês de abril, percebemos a relação com uma data comemorativa do mês. As variações evocam Tiradentes que foi enforcado. Neste sinal pôde ser observado muita variação fonológica, com mudanças que não fazem os sinais serem diferentes. Na sinalização dos entrevistados é perceptível mudanças na configuração e na orientação. Alguns reproduzem o sinal com a mão configurada em A, enquanto outros reproduzem com a mão configurada em S, alguns sinalizam com a orientação da palma para frente, outros com a palma orientada para baixo.

Figura 22: Sinal de abril feito com a letra “A” com orientação para frente e contato inicial no pescoço e movimento reto para lateral.



Fonte: Produzido pelo autor

Figura 23: Sinal de abril feito com a letra “S” com orientação para frente e contato inicial no pescoço e movimento reto para lateral.



Fonte: Produzido pelo autor

Figura 24: Sinal de abril feito com a letra “A” com orientação para baixo, contato inicial no pescoço e movimento reto para lateral.



Fonte: Produzido pelo autor

MAIO

A maior parte dos entrevistados sinalizam o mês com datilologia completa da palavra, enquanto apenas um entrevistado sinaliza com o dedo indicador no pescoço. Esse entrevistado viveu parte de sua vida em São Paulo-SP, local onde aprendeu a língua o que pode ter motivado essa variação lexical.

Figura 25: Sinal de maio executado com Configuração em número 1 com indicador, direcionado para frente com repetição no movimento reto com contato final no pescoço.



Fonte: Produzido pelo autor

Figura 26: Sinal de maio feito em datilologia

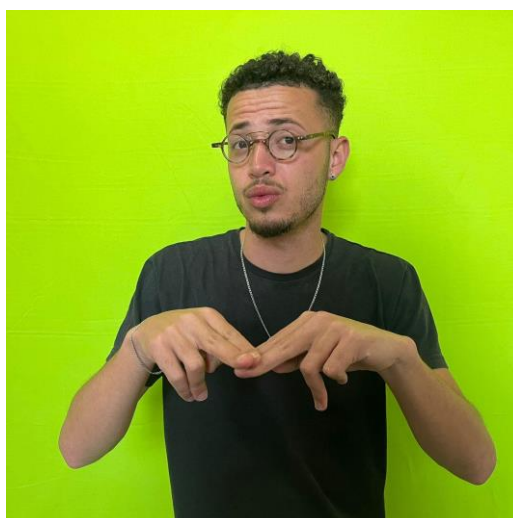


Fonte: Produzido pelo autor

JUNHO

O mês de junho não apresentou variação. Tendo apenas um sinal para representá-lo. Este sinal apresenta motivação cultural, pois o mês de junho tem as Festas Juninas em que se acendem fogueiras e o sinal é uma alusão à fogueira, representando estas festas.

Figura 27: Sinal de junho feito de modo bimanual, com ambas as mãos na mesma configuração Letra “U” orientada para baixo, com repetição no movimento alternado de contato medial dos dedos.



Fonte: Produzido pelo autor

JULHO

O sinal de julho apresentou 2 variações e, em ambas, foi utilizado da soletração. Em ambas as variações ocorre o princípio de economia linguística. No Primeiro, a soletração é feita com a letra inicial, seguido da terceira letra da palavra (JL), no segundo, visto com menos frequência, o entrevistado soletra as três primeiras letras da palavra.

Figura 28: sinal de julho feito em datilologia



Fonte: Produzido pelo autor

Figura 29: Sinal de julho feito em datilologia

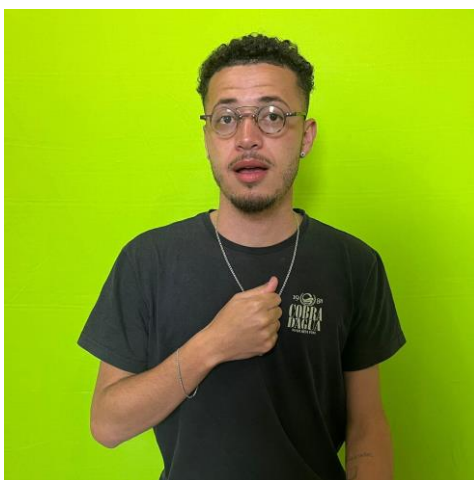


Fonte: Produzido pelo autor

AGOSTO

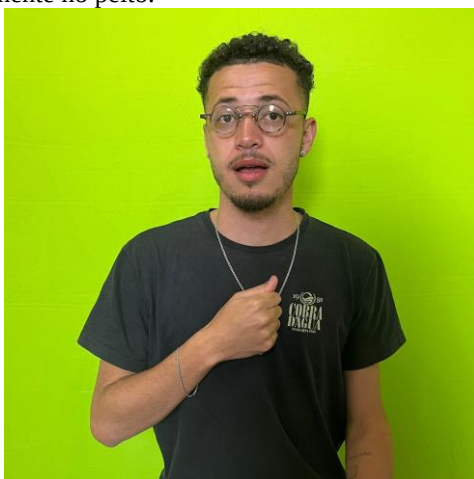
O sinal de agosto apresenta algumas variações, algumas delas com mínima diferença entre uma sinalização e outra, ou seja, há variação fonológica. O sinal de maior destaque foi configurado em “A” produzido no peito, apresentando movimento circular ou reto. Foi observado também, a sinalização feita com o mesmo movimento circular no peito, porém com a mão aberta.

Figura 30: Sinal de agosto feito com a Letra “A” com orientação para dentro, movimento circular e contato permanente no peito.



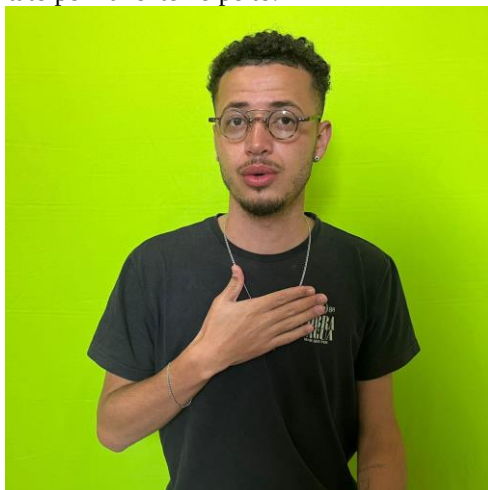
Fonte: Produzido pelo autor

Figura 31: Sinal de agosto feito com a Letra “A” com orientação para dentro, movimento reto para cima e para baixo com contato permanente no peito.



Fonte: Produzido pelo autor

Figura 32: Sinal de agosto executado com a configuração de mão aberta, com todos os dedos estendidos, com movimento circular e contato permanente no peito.



Fonte: Produzido pelo autor

SETEMBRO

A variação para setembro identificada, está diretamente relacionada com uma data comemorativa do mês, que envolve a independência do Brasil, celebrada no dia 7 de setembro, e o fato de haver marchas com soldados nesta data. Dentre as sinalizações dos entrevistados, pôde ser observado que a ideia na sinalização de todos é a mesma, representando a marcha, porém, foi observado uma pequena variação fonológica, em que houve uma diferença mínima na configuração inicial das mãos, e no afastamento dos dedos na configuração final.

Figura 33: Sinal de setembro feito de modo bimanual com ambas as mãos configuradas em A, seguido da configuração em B, com orientação para baixo, executado no espaço neutro para o lado, e movimento repetido.



Fonte: Produzido pelo autor

Figura 34: Sinal de setembro feito de modo bimanual, com ambas as mãos configuradas em o seguido da configuração de mão aberta com dedos estendidos. Realizado no espaço neutro para a lateral, com movimento repetido.

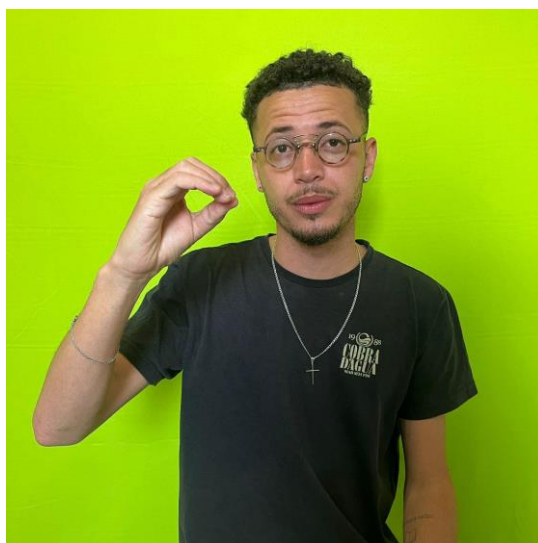


Fonte: Produzido pelo autor

OUTUBRO

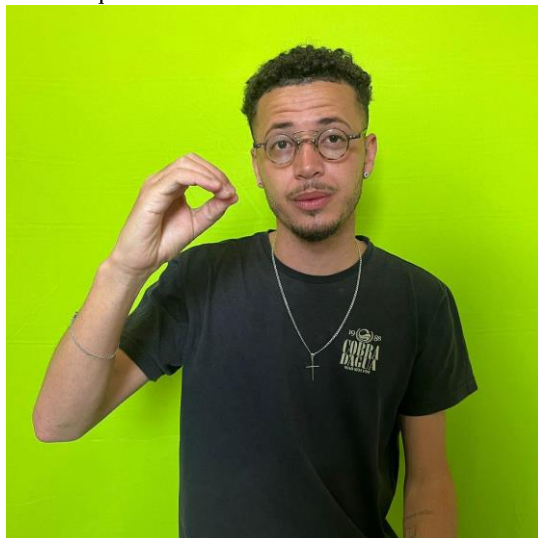
Este mês apresentou apenas variação fonológica, com diferentes movimentos, sendo eles circular, e também alteração na direção das mãos. Em todas as sinalizações, o sinal foi reproduzido com a configuração em “O”, letra inicial da palavra.

Figura 35: Sinal de outubro reproduzido no espaço neutro com a configuração em O, e movimento circular repetido.



Fonte: Produzido pelo autor

Figura 36: Sinal de outubro reproduzido no espaço neutro, com a configuração em O, e movimento repetido de rotação do pulso para direita e esquerda.

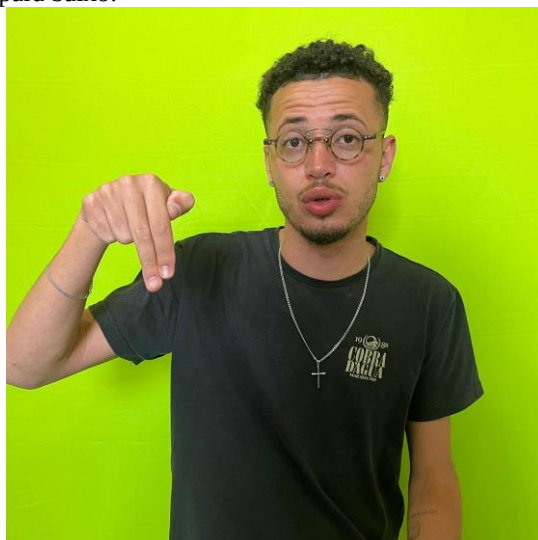


Fonte: Produzido pelo autor

NOVEMBRO

O sinal de novembro apresentou uma variação no padrão do movimento do sinal. Um sinal foi realizado com movimento de cima para baixo, e outro, com movimento semicircular. Em ambos a mão está configurada com a letra inicial da palavra.

Figura 37: Sinal de novembro reproduzido com a configuração em N no espaço neutro com movimento repetido e reto para cima e para baixo.



Fonte: Produzido pelo autor

Figura 38: Sinal de novembro reproduzido com a configuração em N no espaço neutro e movimento semicircular repetido.

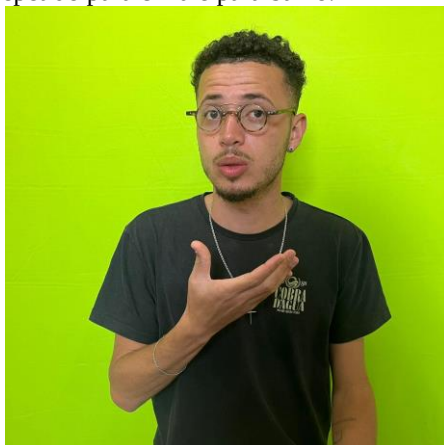


Fonte: Produzido pelo autor

DEZEMBRO

Este mês não apresentou nenhuma variação. Todos os participantes reproduziram o sinal da mesma forma, fazendo alusão a barba do papai noel.

Figura 39: Sinal de dezembro Reproduzido com a configuração em C com a mão orientada para cima perto do queixo, e movimento reto e repetido para cima e para baixo.



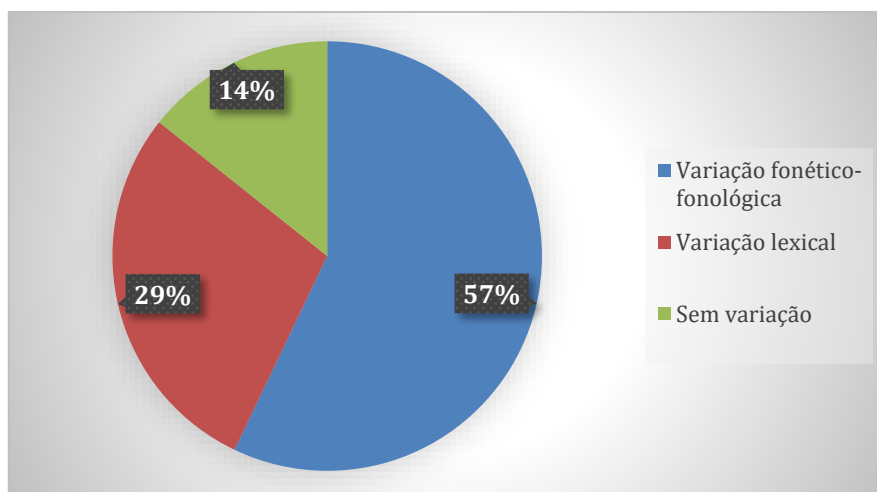
Fonte: Produzido pelo autor

Após análise dos dados, detectamos dois tipos de variações: lexical e fonológica. As variações fonológicas foram identificadas na sinalização dos meses: Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, Agosto, Setembro, Outubro e Novembro. Tais variações acontecem em decorrência de uma mudança em algum dos parâmetros da Libras como: mudança mínima na configuração de mão, ausência e presença de movimento, ausência

ou presença no tamborilar dos dedos, mudança na orientação da mão, ou alteração no tipo de movimento. Já nas variações lexicais, presentes na sinalização dos meses: Fevereiro, Março, Maio e Julho, percebe-se uma mudança abrupta em boa parte dos parâmetros das línguas de sinais, ou seja, há diferença na configuração de mão, orientação, ponto de articulação, movimento ou expressão não manual. A hipótese levantada é que tais variações estejam relacionadas às diversas regiões em que vivem os participantes e à diferença de idade entre eles.

A análise dos sinais dos meses do ano em Libras revela uma predominância de variações fonológicas, acompanhadas por algumas variações lexicais. No total, 66,67% dos meses apresentaram variações fonológicas (Gráfico 1), observadas por ausência ou presença de movimento no mês de janeiro; quantidade de mão em fevereiro; ausência ou presença no movimento de tamborilar dos dedos para sinal de março; configuração e orientação e mão diferentes em alguns sinais referentes ao mês de abril; movimentos diferentes nos sinais do mês de agosto; configuração inicial e afastamento ou aproximação dos dedos na configuração final; diferença na orientação de mão do sinal de setembro; diferença de movimento circular para rotação dos pulsos no sinal de outubro; e, diferença no movimento no sinal do mês de novembro.

Gráfico 1 - Porcentagem dos tipos de variações



Fonte: Produzido pelo autor

As variações fonéticas e fonológicas podem ser consideradas como um sotaque, que geralmente são notados em diferentes regiões do país ou do mesmo estado. Elas acontecem de modo tão sutil que não se pode dizer que se trata de um sinal diferente. Um possível motivo para porcentagem maior nessas variações pode ser atribuída às diversas regiões em que vivem os participantes, que, ao longo de suas carreiras e formações-, que aconteceram em cidades e estados diferentes, adquiriram fortes influências linguísticas, refletindo em suas sinalizações.

Para as variações lexicais, nota-se que elas representaram 28,6% das variações, e, foram observadas em vários parâmetros na sinalização dos participantes, tornando o sinal diferente dos demais, de modo a ser percebido em fevereiro, março, maio e julho. Como esse tipo de variação também é motivado principalmente por fatores geográficos, notamos que o sinal “maio 1”, apresentado por apenas um dos entrevistados, pode indicar um uso maior do tipo de sinal produzido na região em que vive ou que a sinalizadora viveu.

Nos sinais efetuados a partir da soletração, percebemos um princípio de economia linguística na sinalização entre os participantes, que ocorre com a omissão de alguma (s) letras das palavras, conforme apresentado nas imagens 21 e 28 para representar o mês de março e julho. Quando cruzamos esse dado com a idade dos participantes, percebemos que a entrevistada de 56 anos executa um dos sinais feitos com a soletração de parte da palavra para representar o mês com uma letra a mais, ou seja, ela faz a datilologia de M-Ç-O para março, e J-U-L para julho, como apresentado nas imagens 21 e 29, diferente dos demais participantes que soletram M-Ç para março, e J-L para julho. A partir daí podemos relacionar esses dados com a variação diacrônica, que descreve as variações que acontecem pela ação do tempo. Por fim, 16,67% dos meses não apresentaram variação.

6. CONCLUSÃO

Este estudo objetivou investigar a variação linguística na sinalização dos meses do ano em Libras e focou em como diferentes fatores, como região, experiência pessoal e formação acadêmica, podem influenciar no modo como os sinais são articulados. Para que esta pesquisa se efetivasse, contamos com a participação de 11 professores de Libras que estão lotados em diferentes universidades de Minas Gerais. Conforme informado, contamos com um surdo, uma filha de surdos (CODA) e com ouvintes, com extensa diferença entre a menor e maior idade. Além disso, outro fator importante nas pesquisas

sobre variação linguística, nesta em especial, é o tempo de contato com a língua, variando de pouco mais de um ano a mais de vinte anos.

Os dados coletados revelaram que, dos sinais usados para representar os meses do ano, 85,7% apresentaram algum tipo de variação, sendo que 57,1% foram de variações fonológicas, e 28,6% de variações lexicais. As variações fonológicas identificadas foram percebidas a partir de uma mudança mínima, chamada de microvariação, que acontecem nos parâmetros como configuração de mão, movimento, orientação das palmas e ponto de articulação. Assim, pôde ser observado em alguns sinais variações indicando ausência ou presença de movimento, como mostrado no sinal de "janeiro"; mudança na configuração e orientação das mãos, como percebido nas sinalizações para representar "abril"; e diferenças nos movimentos de rotação do pulso, conforme as sinalizações para "outubro". Já as variações lexicais, observadas pelas sinalizações dos meses como "fevereiro", "março", "maio" e "julho", demonstraram mudanças que são mais perceptíveis aos olhos por não compartilharem quase nenhum parâmetro. A partir desses sinais percebemos a variação lexical indicando existência de diferentes sinais para o mesmo conceito.

A análise desses dados reforça que toda e qualquer língua é viva, e, por isso, se altera. A riqueza do fenômeno da variação linguística em Libras, evidencia que fatores como a localização geográfica, o tempo de exposição à língua, a formação acadêmica e o contexto cultural dos usuários têm uma forte influência sobre a forma como os sinais são articulados. A maior quantidade de variações fonológicas apresentadas nesta pesquisa pode ser atribuída às diversas regiões em que vivem os participantes, que, ao longo de suas carreiras e formações, que aconteceram em cidades e estados diferentes, adquiriram influências linguísticas, refletindo em suas sinalizações.

Por fim, este estudo ressalta a importância de pesquisas focadas na variação linguística da Libras, não apenas para contribuir com pesquisas na área, mas também para levar-nos a refletir sobre as práticas de ensino de Libras, e como tais variações influenciam nesse cenário, pois, ao reconhecer que essas variações existem, passamos a valorizar as diversidades na sinalização, pois a variedade de sinais é comum, como as palavras e sons nas línguas orais. Reconhecer a variação linguística, contribui para que haja menos preconceito linguístico e promove uma educação mais inclusiva, com vistas a tornar visível as diversas realidades dos surdos e dos ouvintes que vivem em contato com a comunidade sinalizadora. A conscientização sobre essas variações é essencial no

ensino de Libras, pois a partir daí podemos alinhar as práticas pedagógicas à diversidade dos usuários, respeitando as diferentes formas de expressão que tornam a língua cada vez mais rica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. **Educação linguística no Brasil**: balanço de uma década (1998-2008). Revista de Linguagens Boca da Tribo, v. 1, n.1, 2009.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo, Loyola, 2007.

BAGNO, M. **A norma oculta**: língua e poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2013.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURÍCIO, Aline Cristina L. **Novo Deit-Libras**: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua Brasileira de Sinais (Libras). São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo. V. II, 2012.

FERREIRA-BRITO, L. **Por uma Gramática de Línguas de Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FISCHER, K.; XAVIER, A. **A variação lexical e fonológica em Libras na expressão do conceito elevador**. SciELO Preprints, 2024

MACHADO, Vanessa L. V. WEININGER, Markus J. **As variantes da língua brasileira de sinais – Libras**. Revista em Tradução, v.4, n.7, 2018.

QUADROS, Ronice Müller de.; *et al.* (org.). **Gramática da Libras**. Rio de Janeiro, INES, v. 01, 2023.

QUADROS, Ronice Muller; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira Estudos Linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

ROCHA-TOFFOLO, A. C. **Produção escrita de alunos surdos e consciência morfológica**. Tese de Doutorado em Linguística Aplicada, Universidade Federal de Minas Gerais. Repositório Institucional da Universidade Federal de Minas Gerais, 2022.

SILVA, L. V.; GONÇALVES, S. de C. P. **A mudança lexical em Libras**: um estudo preliminar em Goiás. Signótica, 2020.

XAVIER, A. N.; BARBOSA, P. A. **Diferentes pronúncias em uma língua não sonora?**

Um estudo da variação na produção de sinais da Libras. D.E.L.T.A, v. 30, n. 2, p.371–413, 2014.

ZANCANARO J. Luiz Antônio, BIELESKI, D. **Reflexões sobre os rumos e desafios da escrita: da teoria à prática o processo de mudanças na língua brasileira de sinais em Santa Catarina:** uma análise comparativa. Encontros de vista, 2011.

ANEXO 1 - ENTREVISTA

Roteiro para entrevista

- 1 - Qual seu nome completo?
- 2 - Qual sua idade?
- 3 - Você tem contato com a Libras há quanto tempo?
- 4 - Como e onde aprendeu Libras? (cursos, faculdade, igreja)?
- 5 - Qual a sua formação? (Fale sobre sua trajetória estudantil. Graduado(a) em qual curso, área de pós-graduação, mestrado e doutorado.
- 6 - Tem contato com algum surdo/comunidade surda?
- 7 - Há quanto tempo ministra aulas/cursos de Libras?

ANEXO II - FRASES

Frases para tradução simultânea

- 1 - Minha amiga faz aniversário em Janeiro.
- 2 - Em fevereiro tem muitas festas e cores nas ruas.
- 3 - Minha irmã casou-se em março.
- 4 - A UFOP entrou de greve no mês de abril.
- 5 - Maio é o mês de Maria, Mãe de Jesus.
- 6 - Meu irmão formou dia 01 de junho
- 7 - Minha prima nasceu em julho de 1990.
- 8 - Minha sobrinha começa a estudar em agosto
- 9 - Setembro azul é um mês de luta para a comunidade surda.
- 10 - Outubro é o mês das crianças
- 11 - Eu viajei em novembro do ano passado
- 12 - Eu gosto das festas de dezembro

ANEXO III

Termo de consentimento, aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
OURO PRETO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Variações Linguísticas nos sinais dos meses do ano em Libras

Pesquisador: ANDREIA CHAGAS ROCHA TOFFOLO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 70783623.6.0000.5150

Instituição Proponente: Instituto de Ciências Humanas e Sociais

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.275.651

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios foram retiradas do arquivo Informações básicas da pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2149555).

O projeto apresentado será submetido ao PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, patrocinado pelo Conselho

Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na modalidade Iniciação Científica - PIBIC/CNPq, edital PIBIC/CNPq/UFOP Nº

05/2023. A pesquisa será realizada na Universidade Federal de Ouro Preto-UFOP, no Departamento de Letras do Instituto de Ciências Humanas e

Sociais - ICHS. Trata-se de uma investigação sobre o fenômeno da variação linguística na Libras. Propomos investigar a variação linguística

presente na sinalização dos termos referentes aos meses do ano, realizado (a) por professores (as) que ministram a disciplina de Libras na

graduação, a fim de identificar possíveis variações, e desse modo, contribuir com pesquisas na área, assim como refletir sobre este fenômeno nas

línguas de sinais.

O fenômeno da variação linguística é observado em todas as línguas e trata-se de mudanças

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação - PROPPi, Centro de Convergência, Campus Universitário
Bairro: Morro do Cruzeiro CEP: 35.400-000
UF: MG Município: OURO PRETO
Telefone: (31)3559-1368 E-mail: cep.proppi@ufop.edu.br

Continuação do Parecer: 6.275.051

computador da pesquisadora por um período de 5 anos após o término da pesquisa, e, posteriormente serão apagados.

Benefícios:

Contribuir com pesquisas na área, assim como refletir sobre este fenômeno nas linguas de sinais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisadora apresentou a seguinte carta resposta as pendências identificadas na versão anterior do projeto:

PENDÊNCIA: Solicita-se apresentar a Declaração de que os gastos da pesquisa, que se elevam a R\$550,00, serão custeados pelo pesquisador, ou por outra instituição financeira.

RESPOSTA: Foi adicionado no projeto, no item: "orçamento financeiro", a informação de que eventuais gastos da pesquisa serão custeados pelo pesquisador. Além disso, envio documento anexo com declaração sobre os gastos da pesquisa, nomeado "gastos".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide item: "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações."

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Foram sanadas as pendências identificadas na avaliação anterior do projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

O Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFOP, de acordo com as atribuições definidas na Res. CNS 466/12 e/ou Res. CNS 510/16, manifesta-se pela **APROVAÇÃO** deste protocolo de pesquisa. Ressalta-se ao pesquisador responsável pelo projeto o compromisso de envio ao CEP/UFOP, semestralmente, o envio do parcial de sua pesquisa e o envio do relatório final, encaminhado por meio da Plataforma Brasil, informando, em qualquer tempo, o andamento da mesma, comunicando também eventos adversos e eventuais modificações no protocolo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_2149555.pdf	24/07/2023 16:09:53		Aceito
Outros	Gastos.pdf	24/07/2023	ANDREIA CHAGAS	Aceito

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação - PROPPi, Centro de Convergência, Campus Universitário
Bairro: Morro do Cruzeiro **CEP:** 35.400-000
UF: MG **Município:** OURO PRETO
Telefone: (31)3550-1368 **E-mail:** cep.proppi@ufop.edu.br

Continuação do Parecer: 6.275.651

comuns da língua realizada pelos falantes no

momento da comunicação. Tais mudanças estão relacionadas a fenômenos diversos, como origem geográfica, idade, condições culturais e sociais.

Nas línguas de sinais, assim como nas línguas orais, acontece, de forma natural, a variação linguística, quando seus usuários entram em contato

com outras formas de sinalização e fazem com que o repertório de sinais fique mais diversificado. Durante o ensino da Libras aos estudantes de

graduação é comum o questionamento sobre a pluralidade de sinais apresentados, e costumeiramente os estudantes acham que a Libras, língua de

sinais utilizada no Brasil, é uma língua universal. A identificação e descrição deste fenômeno na Libras é importante para reforçar o fato de que em

qualquer língua, independentemente de sua modalidade: oral ou visual, existem variações que ocorrem naturalmente, evitando o preconceito

linguístico. Posto isso, propomos investigar a variação linguística presente na sinalização dos termos referentes aos meses do ano, realizado (a) por

professores (as) que ministram a disciplina de Libras na graduação, a fim de identificar possíveis variações, e desse modo, contribuir com pesquisas

na área, assim como refletir sobre este fenômeno nas línguas de sinais.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Identificar variações linguísticas em sinais utilizados por professores (as) que ministram disciplinas de Libras para estudantes de graduação.

Objetivo Secundário:

Analisar sinais que representam os meses do ano objetivando identificar possíveis variações;

Gerar reflexões sobre o fenômeno da variação linguística na Libras;

Levantar hipóteses sobre possíveis motivações para as variações encontradas;

Discutir sobre as implicações das variações linguísticas no ensino e aprendizagem da Libras

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Os riscos dessa pesquisa são mínimos e consistem na possível exposição e/ou constrangimento do participante. Entretanto, para evitar esses

riscos, serão mantidos em sigilo, a identidade do participante, e as fotos e vídeos coletados. Os registros coletados serão arquivados no

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação - PROPPi, Centro de Convergência, Campus Universitário
Bairro: Morro do Cruzeiro CEP: 35.400-000
UF: MG Município: OURO PRETO
Telefone: (31)3559-1588 E-mail: cep.proppi@ufop.edu.br